

**CRISTO COMO UNIVERSAL CONCRETO:
UMA LEITURA DA VISÃO CRISTOLÓGICA DE CLAUDE
GEFFRÉ E SUA DISPOSIÇÃO PARA COM O
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO**

(Christ as concrete universal: A reading of christological vision of Claude Geffré and his disposition to the inter-religious dialogue)

*Roberlei Panasiewicz **

Introdução

O pluralismo religioso é uma realidade que perpassa a reflexão teológica da atualidade¹. O diálogo inter-religioso apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo. A nova conjuntura sócio-religiosa desinstala o cristianismo de seu posicionamento autocentrado que durante séculos ocupou papel de destaque no cenário internacional. Como compreender esse pluralismo? Qual é o específico cristão neste universo plural? O cristianismo é a única mediação entre os humanos e o transcendente? Há salvação em outras religiões? Como pensar a encarnação e a mediação operada por Jesus Cristo sem colocar em risco a fé cristã e ao mesmo tempo estar aberto ao diálogo com as outras tradições religiosas?

* PUC Minas. Artigo submetido a avaliação no dia 16/10/2007 e aprovado para publicação no dia 02/03/2008.

¹ Há uma distinção entre pluralidade e pluralismo apresentada por M. Jayanth. Pluralidade é a variável externa, indica quantitativamente as diferenças que existem em uma sociedade e a origem das diferenças como religião, língua, raça, casta e outras parecidas. O pluralismo é um coeficiente interno, refere-se a uma atitude específica que se desenvolve entre os grupos sociais em resposta ao fato da pluralidade. Cf. M. JAYANTH, "De la pluralidad al pluralismo", *Selecciones de Teología* 41 (2002/n. 163) 163-176, aqui p. 164.

² Claude Geffré, nascido em Niort, França, em 1926, teólogo católico e padre da Ordem dos Pregadores (Dominicano), durante vários anos dedicou-se ao ensinamento de teologia

O objetivo desta reflexão é responder a esses questionamentos demarcando a identidade cristã a partir da análise teológica de Claude Geffré². É do interior do inclusivismo aberto (ou inclusivismo pluralista) que desenvolve sua reflexão buscando demarcar a identidade cristã numa perspectiva de abertura ao diálogo com outras tradições religiosas.

A relevância deste estudo está em situar a identidade cristã na pluralidade contemporânea a partir do marco cristológico. Nesse sentido, esta reflexão visa somente apresentar algumas convicções deste teólogo³. Está dividida em quatro momentos. Primeiramente será apresentado o pluralismo religioso como novo paradigma para a teologia cristã. Depois será pontuado o caráter singular da identidade cristã neste universo plural. Em terceiro, pensar-se-á a dimensão universal dessa identidade e a partir da compreensão de Cristo como universal concreto. Por fim, será demarcada a consequência dessa compreensão para o sentido da salvação.

1. Pluralismo Religioso como novo Paradigma Teológico

A nova consciência da pluralidade religiosa que começou, institucionalmente, a fazer parte da vida eclesial católica, no Concílio Vaticano II, teve várias leituras e reações. Nesse sentido, Geffré defende uma tese de fundamental importância, de maneira particular, para o pensamento teológico cristão. Afirmará que o pluralismo religioso é um novo *paradigma teológico*, por isso merece atenção especial. Ante a descrença religiosa e, mais do que isso, ante a indiferença religiosa que marcou a época moderna, agora há um “retorno do religioso e a vitalidade das grandes religiões não cristãs”⁴.

Os documentos do Concílio Vaticano II demonstram de maneira relevante a mudança ocorrida na forma como a Igreja Católica irá olhar as outras denominações e tradições religiosas. A declaração *Nostra Aetate*, sobre a relação da Igreja Católica com as tradições religiosas, tem um alcance, sobretudo na dimensão ética, considerável, em relação a documentos anteriores. Entretanto, “é ainda tímido do ponto de vista teológico”⁵. Esse

na Faculdade Dominicana de Saulchoir (1957-1968) e no Instituto Católico de Paris (1967-1996); foi diretor da Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém (1996-1999). É membro fundador e colaborador permanente da revista internacional de teologia, *Concilium*, e do conselho diretor da coleção teológica *Cogitatio Fidei*.

³ Para mais detalhes sobre o pensamento de Claude Geffré e reações críticas ao seu pensamento, ver: R. PANASIEWICZ, *Pluralismo religioso contemporâneo: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*, São Paulo: Paulinas / PUC Minas, 2007.

⁴ Cl. GEFFRÉ, *Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia*, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 132. (Título original: *Croire et interpréter: Le tournant herméneutique de la théologie*, Paris: Cerf, 2001).

⁵ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 132.

novo olhar da Igreja Católica foi favorecido pelo pluralismo religioso existente *de fato*. Essa variedade religiosa, para Geffré, aponta para uma “questão teológica nova que uma teologia hermenêutica deve afrontar”. E, ainda, a questão que se coloca aqui, “sob o ponto de vista teológico, é saber se, a partir de um pluralismo de fato [...], nós não somos teologicamente convidados a pensar na possibilidade de um pluralismo de *princípio* que dependeria do próprio desígnio de Deus”⁶.

O pluralismo religioso *de fato* diz respeito à própria pluralidade ou diversidade de tradições religiosas existentes e, mesmo, aos movimentos religiosos que estão emergindo no final do século passado e princípio deste. Essa pluralidade religiosa expressa a diversidade cultural, mas encontra sua realização no cristianismo. Pensar o pluralismo religioso como *pluralismo de princípio* é fazer uma opção teológica no sentido de valorizar todas as tradições religiosas como estando no desígnio misterioso de Deus, “destino histórico permitido por Deus cujo significado último nos escapa”⁷. Reflete a grandiosidade do mistério transcendente de Deus e as várias formas humanas de procurar captá-lo. Como o ser humano é histórico, limitado, finito e vive em culturas diferentes, ele cria estruturas religiosas próprias para poder contemplar este Mistério que escapa aos seus olhos por ser transcendente, ilimitado e infinito. Esse *pluralismo de princípio* testemunha a busca constante do ser humano em encontrar ao menos facetas do mistério divino. Portanto, independentemente da variedade cultural ou reforçado por ela, o pluralismo religioso é uma realidade que pede maior atenção à reflexão teológica. Esse pluralismo “pode ser expressão da vontade mesma de Deus que tem necessidade da diversidade das culturas e das religiões para melhor manifestar as riquezas da plenitude de verdade que coincide com o mistério mesmo de Deus”⁸.

Para melhor compreender essa questão, Geffré faz referência ao mito da Torre de Babel, que propõe a construção de uma torre que chegasse ao céu⁹. Essa construção representa, de certa forma, o orgulho humano em propor uma união tal que se assemelhasse à unicidade divina. Deus, sentindo-se ameaçado por tamanha iniciativa, confunde a linguagem dos construtores acabando por dispersar a obra. Esse mito quer explicar a varieda-

⁶ *Ibid.*, p. 134. “O pluralismo religioso de princípio se fundamenta na imensidão de um Deus que é Amor.” Cf. J. DUPUIS, *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, São Paulo: Paulinas, 1999, p. 528.

⁷ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 136. Ver também: Cl. GEFFRÉ, “A fé na era do pluralismo religioso”, in F. TEIXEIRA (org.), *Diálogo de pássaros: Nos caminhos do diálogo inter-religioso*, São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 61-74, aqui p. 65.

⁸ Cl. GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, *Cadernos da ESTEF* (2003/n. 30) 5-25, aqui p. 14.

⁹ O texto encontra-se em Gn 11,1-9. O último livro de Geffré trabalha esta temática: *De Babel à Pentecôte: Essais de théologie interreligieuse*, Paris: Cerf, 2006, cap. 4.

de das línguas, das culturas e das tradições religiosas existentes na humanidade na época em que foi redigido o texto sagrado. Ele não significa nenhum castigo divino. Mas, como foi dito, expressa a diversidade existente naquela época. Teologicamente, pode-se pensar que a diversidade está, portanto, no desígnio de Deus.

Para Geffré, “este pluralismo, esta dispersão das línguas é um retorno à vontade primeira de Deus que abençoou a multiplicidade, não só a multiplicidade do ser humano homem e mulher, mas também a multiplicidade das raças, das línguas, das culturas”¹⁰. Essa multiplicidade de culturas está intrinsecamente articulada com a diversidade de tradições religiosas. Para Geffré, essa diversidade é um valor e está confirmada em “Pentecostes que é precisamente uma espécie de legitimação que é dada à pluralidade na medida em que a riqueza superabundante do mistério de Deus não pode ser expressa a não ser por uma pluralidade de formas religiosas”¹¹.

Nessa perspectiva, o *pluralismo de princípio* não diminui Deus e nem o cristianismo. Essa concepção é uma revolução na doutrina cristã, mas que “não leva a relativizar o mistério do Cristo como centro da história e como lugar único do encontro do eterno e do histórico.” E, ainda, para Geffré, “é possível confessar o Ser absoluto que fez irrupção em Jesus Cristo sem absolutizar o cristianismo como religião histórica, excluindo todas as outras”¹². O *princípio encarnacional*, concepção de um Deus que se faz humano, ou seja, o princípio absoluto, se particularizando na história, convida o cristianismo a não ter pretensão de ser a religião absoluta. O cristianismo é convidado a dar testemunho de uma religião dialogal. Nesse universo plural, como compreender a especificidade da identidade cristã?

2. Traço singular da identidade cristã: o princípio encarnacional

Com a consciência do pluralismo religioso cada vez mais presente em nosso mundo, emergem questionamentos à teologia cristã de que ela não pode deixar de tratar. Os autores e os teólogos que se interessam pelo diálogo inter-religioso e pela reflexão sobre a Teologia do Pluralismo Religioso têm trabalhado de forma diferenciada com essa temática. São três os grandes paradigmas que perpassam esse debate: o exclusivismo ou eclesiocentrismo, o inclusivismo ou cristocentrismo e o pluralismo ou

¹⁰ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 137.

¹¹ *Ibid.*, p. 138. O acontecimento de Pentecostes é narrado em At 2,1-13.

¹² GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, p. 14.

teocentrismo. Há uma tentativa de articulação entre o segundo e o terceiro paradigmas, a qual tem sido chamada de inclusivismo aberto (ou pluralismo inclusivo ou, ainda, inclusivismo pluralista)¹³. Essa busca de alternativas e de diálogo teológico também tem sido compreendida como ‘relativismo da verdade’ e criticada por expor a riscos a identidade cristã¹⁴. Esse é, portanto, um tema de fronteira.

Claude Geffré tem procurado construir uma reflexão que busca atender essa demanda atual do pensamento teológico. Para ele, a novidade do cristianismo enquanto religião é o evento Jesus Cristo, que propõe uma nova maneira de se relacionar com Deus, com as outras pessoas, com o meio ambiente e, de maneira mais ampla, com o universo. “Essa novidade se traduz especialmente no *espírito novo* com o qual são assumidos um universo de pensamento, uma visão do mundo e do homem, um estilo de vida e categorias éticas, que podem ser antigos”¹⁵. Jesus Cristo propõe, em seu modo de vida, uma reinterpretação dos valores ético-religiosos de sua época.

Seguindo a reflexão de Geffré, “seríamos tentados a dizer que Cristo não fundou uma nova religião, se por religião entendemos sistema de representações, conjunto de ritos, catálogo de prescrições éticas, programa de práticas sociais”. E, ainda, “a existência cristã não se define *a priori*. Ela se acha onde o Espírito de Cristo faz surgir um ser novo de homem individual e coletivo”¹⁶. Assim, o cristianismo, como “religião da encarnação”¹⁷, isto é, a partir do evento Jesus Cristo, não pode se contentar em ser somente mais uma religião enraizada nas diversas realidades culturais, mas deve fazer valer a originalidade de sua existência que é ser a religião do amor, da alteridade. Pois o Deus cristão “abre mão” da condição divina (*kenosis*) e se torna humano, radicalizando, assim, o amor desse Deus para com os humanos e, ao ressuscitar, os convida a participar de seu mundo divino. Por isso é que se pode dizer que há um jeito cristão de ser homem, de ser mulher, de amar, de trabalhar, de viver, de sofrer, de se relacionar, de ser feliz. Esse *jeito* cristão de ser e de viver o amor não é facilmente discernido no dia a dia. Entretanto, é esta busca de viver com *espírito novo* todas as coisas que faz o cristianismo ser fiel à originalidade deixada por seu mes-

¹³ Para compreensão dos paradigmas: J.M. VIGIL, *Teologia do pluralismo religioso: Para uma leitura pluralista do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 2006, cap. 7.

¹⁴ “Para fazer frente a essa mentalidade relativista, que se vai difundindo cada vez mais, deve-se reafirmar, acima de tudo, o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo.” Cf. Declaração *Dominus Iesus*, n. 5.

¹⁵ Cl. GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje: Hermenêutica teológica*, São Paulo: Paulinas, 1989, p. 220. (Título original: *Le christianisme au risque de l'interprétation*, Paris: Cerf, 1983).

¹⁶ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 221.

¹⁷ GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, p. 14.

tre-iniciador, Jesus Cristo, de quem derivou o nome de tal prática religiosa. A alteridade expressa na criatividade do viver é um traço essencial da identidade cristã.

Esse *espírito novo* ou *jeito novo* de viver todas as coisas, em especial a alteridade, é que deve fazer o cristianismo pensar com singularidade o pluralismo religioso e buscar maneiras novas e criativas de se relacionar com as diversas tradições religiosas. Esse princípio da alteridade vivido por Jesus Cristo tem alcance universal?

3. Universalidade da identidade cristã: Cristo como universal concreto

Refletir sobre o mistério da encarnação é, na perspectiva cristã, pensar a articulação entre o Verbo eterno e o Verbo encarnado, inseparáveis e distintos. Jesus Cristo “não é a manifestação privilegiada do Absoluto na história. Ele é o próprio Absoluto tornado histórico”¹⁸. Aqui está, por um lado, a originalidade da revelação cristã e, por outro, a dificuldade para estabelecer um diálogo com outras tradições religiosas monoteístas. Falar que Deus se fez humano na pessoa de Jesus Cristo e que, dessa revelação, emerge a concepção de um Deus trino, isto é, que é Pai, Filho e Espírito Santo, é para judeus e islâmicos uma mistura de algo criado com Deus e um enfraquecimento na unicidade divina¹⁹. Entretanto, para os cristãos, é o marco de sua identidade religiosa, pois Deus, enquanto Verbo, se encarna e se faz humano em Jesus de Nazaré, possibilitando a articulação entre o universal e o particular. Por isso, Geffré afirma que “é preciso aceitar o paradoxo da encarnação. É enquanto o Verbo é inseparável da humanidade deste homem que é Jesus de Nazaré que ele é universal; é em sua própria particularidade que ele tem uma dimensão universal”²⁰.

Dito de outra maneira, “a pessoa de Jesus como manifestação concreta do Logos universal realiza a identidade entre o absolutamente concreto e o absolutamente universal”²¹. Na percepção cristã, Deus escolheu revelar-se

¹⁸ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 160.

¹⁹ Cf. F. TEIXEIRA, “A experiência de Deus nas religiões”, *Numen* 3 (2000/n. 1) 111-148, aqui pp. 125 e 135.

²⁰ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, pp. 166-167. Mostra que, para Paul Tillich, em Jesus a manifestação concreta do Logos universal realiza a identidade entre o absolutamente universal e o absolutamente particular.

²¹ Cf. GEFFRÉ, “O lugar das religiões no plano da salvação”, in F. TEIXEIRA (org.), *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 111-137, aqui p. 125.

na particularidade de Jesus Cristo e, nele, a humanidade tem acesso ao absoluto de Deus. Nesta *kenosis* divina (aniquilamento), Deus ‘abre mão’ de sua condição e se torna humano. Aqui está o paradoxo, pois, ao se tornar humano em *Jesus de Nazaré*, o absoluto de Deus entra e participa concretamente da história humana. Enquanto *Cristo*, ele continua a demarcar seu caráter de universalidade. “Cristo é o elemento concreto através do qual os que crêem têm acesso ao absoluto, mas ele mesmo está sujeito ao julgamento daquele que ele chama de *incondicional*, isto é, o absoluto de Deus”²².

Jesus Cristo, enquanto Verbo, é chamado, por Deus Pai, à ressurreição dos mortos. E, por Jesus Cristo ser o Verbo encarnado, ao ressuscitar, é re-introduzido à sua experiência originária na Trindade divina. Geffré expressa essa ideia com a terminologia *entronização*: “o crucificado é estabelecido Filho de Deus pela ressurreição e exaltação”²³. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a Trindade é eterna (Pai, Logos ou Verbo e Espírito), porém a concepção de Filho de Deus vem com a experiência da encarnação e da ressurreição. É para resguardar a identidade de Jesus Cristo e facilitar o diálogo com os muçulmanos que Geffré dá preferência ao termo *entronização*. Ele diz que “a filiação divina de Jesus não seria da ordem de uma geração física nem mesmo metafísica – coisa que o Islã não pode aceitar – mas da ordem de uma entronização por Deus”²⁴. Perspectiva que sustenta a identidade cristã e propicia maior diálogo com os muçulmanos.

Geffré demarca existir uma diferença entre as concepções de monoteísmo judaico, muçulmano e cristão. O monoteísmo judaico é um monoteísmo soteriológico, funcional, ou, ainda, *de salvação*. Para a teologia bíblica, “chega-se à unicidade de Deus a partir da unicidade da aliança de Deus com seu povo”²⁵. O monoteísmo muçulmano é *ontológico, pré-eterno*. Para a teologia muçulmana, “a única aliança que conta é a aliança criacional, poderíamos dizer aquela que coincide com a própria criação do ser humano”. E, ainda, “o monoteísmo do islã obedece finalmente à lógica do absoluto, isto é, à lógica da identidade que exclui toda diferença, e que é a expressão de sua auto-suficiência, de sua perfeição”²⁶. O monoteísmo cristão é monoteísmo trinitário, “pode-se falar da unicidade do Deus cristão a partir da unicidade da mediação de Jesus Cristo”²⁷. Geffré expressa o monoteísmo cristão como sendo “uma vida diferenciada na comunhão, porque Deus é em si mesmo não identidade absoluta mas comunhão na

²² GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 166.

²³ *Ibid.*, p. 222.

²⁴ Cf. GEFFRÉ, “O Deus uno do islã e o monoteísmo trinitário”, *Concilium* 289 (2001/n. 1) 91-99, aqui p. 97.

²⁵ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 219.

²⁶ *Ibid.*, pp. 219 e 225.

²⁷ *Ibid.*, p. 219.

diferença; ele é mistério absoluto de comunicação, isto é, ele mesmo tende a suscitar diferenças²⁸. Quem mantém viva esta abertura à comunicação é a terceira pessoa do mistério trinitário, o Espírito.

Esses monoteísmos expressam o mistério divino e testemunham a tentativa humana de explicitar a experiência da unicidade de Deus. Um desafia o outro a ser compreendido pelo que está expressando e a atualizar-se na maneira como cada um absorve o mistério divino. Também exercem mútuo papel de *avisador* no sentido de estarem aprofundando, permanentemente, em suas reflexões sobre o mistério divino sem fechamento e sem riscos de comprometer a reflexão sobre a transcendência de Deus.

Para o monoteísmo cristão, o crente de outra tradição religiosa é aquele que está, a todo tempo, possibilitando releituras e reinterpretções da mensagem e da prática de Jesus Cristo. Jesus de Nazaré é o “ícone de Deus vivo”²⁹, pois revela o amor de Deus a todos os seres humanos. Assim, é o amor de Deus que deve ser absolutizado e não o cristianismo histórico. O *princípio encarnacional* é a “manifestação do absoluto em e por uma particularidade histórica que nos convida a não absolutizar o cristianismo”³⁰. Este é convidado a ser também o *ícone* do amor de Deus à humanidade.

É da contemplação do amor de Deus percebido na articulação entre *encarnação – cruz – ressurreição* de Jesus Cristo que emerge, em Geffré, a concepção de Cristo como *universal concreto*³¹. Por ele e com ele, todo ser humano é convidado a participar da comunhão trinitária. Para Geffré, “a cruz tem um valor simbólico universal: ela é o símbolo de uma universalidade sempre ligada ao sacrifício de uma particularidade. Jesus morre à sua particularidade enquanto Jesus de Nazaré, para renascer em figura de universalidade, em figura de Cristo”³².

Não resta dúvida de que Jesus e Cristo são a mesma pessoa. Entretanto, teologicamente, afirma-se que é na particularidade de Jesus de Nazaré, morto em uma cruz, que Cristo renasce em sentido de universalidade. Ao ressuscitar, Cristo liberta Jesus da limitação e do particularismo históricos. “Sua humanidade é relativa por ser histórica, e nisto mesmo ela é portadora de um sentido absoluto e universal. Jesus é o elemento concreto através do qual os homens têm acesso a Deus”³³. É na abertura e na entrega

²⁸ *Ibid.*, p. 226.

²⁹ *Ibid.*, p. 164.

³⁰ GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, p. 14.

³¹ A expressão “universal concreto”, que remonta a Nicolau de Cusa (1401-1464), fora usada por Cuttat em seu prefácio a Zaehner, *Inde, Israel, Islam*, p. 35, e por von Balthasar em *Teologia della storia*, p. 69. Cf. DUPUIS, *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, p. 198, nota 36.

³² GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 167.

³³ GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, p. 14.

total ao outro (a cruz) que a particularidade de Jesus se manifesta como universalidade de Cristo (ressurreição). Para Geffré, é a partir daqui que se torna possível pensar a universalidade da mensagem cristã e a pluralidade das tradições religiosas e culturais. “Se quisermos manter no diálogo inter-religioso uma identidade cristã, não podemos definir esta singularidade cristã fora da cruz de Cristo como figura do amor absoluto de Deus. É por isso que é impossível no cristianismo opor cristocentrismo e teocentrismo”. E segue dizendo que “no cristianismo não há teocentrismo sem uma referência a Jesus Cristo como figura do Absoluto”³⁴. Para a perspectiva cristã é a particularidade de Jesus Cristo que revela o absoluto e a universalidade de Deus. Por isso, Geffré afirma que o teocentrismo é compreendido a partir de Jesus Cristo. Nesse horizonte teológico, como Geffré compreende a salvação?

4. Valores crísticos e mediações derivadas de salvação

Para Geffré, as religiões possuem ‘função mediadora na salvação’ à medida que são portadoras da ‘presença oculta do mistério de Cristo’ ou de *valores crísticos* e não possuidoras dos valores do cristianismo histórico. Geffré distingue valores crísticos (ou universalidade de Cristo) de *valores implicitamente cristãos* (ou universalidade do cristianismo). *Valores crísticos* são aqueles que vêm do próprio Cristo, enquanto Verbo de Deus e que irradia verdade, santidade e bondade para todas as tradições religiosas. Eles estabelecem a universalidade de Cristo e encontram sua realização em seu mistério.

Como o ser humano é finito e limitado e o cristianismo é construção histórica desse mesmo humano, “a superabundância do mistério de Cristo não encontrou sua tradução adequada no cristianismo que nós conhecemos”. Por isso, “outras tradições religiosas podem misteriosamente encarnar certos valores crísticos”³⁵. O cristianismo, além de poder apreender, com as outras tradições religiosas, facetas novas do mistério de Cristo, pode também, no seu interior, explicitar, na relação com essas tradições, virtualidades do mistério cristão ainda não percebidas. O cristianismo, em contato com as diferentes tradições religiosas, tem a possibilidade de, maieuticamente, dar à luz novas dimensões do mistério de Cristo sempre presente, mas nem sempre assimiladas e discernidas. Geffré acredita que “os recursos

³⁴ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 169.

³⁵ *Ibid.*, p. 160. Para Schillebeeckx, “podemos e devemos dizer que há mais verdade (religiosa) em todas as religiões no seu conjunto do que numa única religião, o que também vale para o cristianismo”. Cf. E. SCHILLEBEECKX, *História humana: Revelação de Deus*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 215.

espirituais das outras tradições religiosas nos ajudam a fazer um inventário mais profundo das próprias riquezas do cristianismo”³⁶.

Os valores *implicitamente cristãos* referem-se, em sua compreensão, aos valores crísticos assimilados pelo cristianismo histórico (por isso universalidade do cristianismo). Esses valores, mesmo sendo reais e verdadeiros, não correspondem à grandiosidade e à totalidade do mistério do Verbo de Deus; não por vontade divina, mas por limitação e contingências históricas em que o cristianismo tem se desenvolvido. De outra forma, os valores implicitamente cristãos são aqueles valores assimilados e difundidos pelo cristianismo histórico (a partir da compreensão de Jesus Cristo) e vividos de maneira implícita por outras tradições religiosas. Com a expressão *valores crísticos*, Geffré procura ultrapassar “a idéia de um tipo de cristianismo implícito ou anônimo que só encontraria sua realização explícita no cristianismo”³⁷.

As religiões “encontrarão sua realização última em Jesus Cristo, mas elas não encontrarão sua explicitação verificável no cristianismo”³⁸. Assim, ele amplia a concepção da categoria inclusivista ao dar ênfase à universalidade de Cristo, enquanto Verbo encarnado, e não à universalidade do cristianismo, enquanto religião histórica. Isso traduz a ideia de *cristianidade*³⁹, em que o mistério de Cristo coexiste e perpassa toda a história da humanidade. Como “a humanidade de Jesus de Nazaré não esgota a plenitude do mistério de Cristo, da mesma forma a revelação cristã não esgota a plenitude do mistério de Deus e do mistério de Cristo”⁴⁰. Dito de outra forma, Jesus, mesmo revelando Cristo, Verbo encarnado, não esgotou este mistério divino pelo fato de Jesus ser humano e, portanto, limitado às condições históricas, e Cristo ser universal e transcender a historicidade humana. Para Geffré, porém, não se pode separar Jesus de Cristo, pois é

³⁶ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 180.

³⁷ *Ibid.*, p. 178. Ao falar em “valores implicitamente cristãos”, faz referência à teoria dos “cristãos anônimos”, de K. Rahner, cuja crítica se processa por essa teoria acreditar, segundo Geffré, que as pessoas e as tradições religiosas “encontrariam seu cumprimento no cristianismo histórico” (p. 115) e procura ultrapassá-la com a sua teoria dos “valores crísticos”.

³⁸ Cf. GEFFRÉ, “Le dialogue interreligieux”. Disponível em: <<http://www.enclacat.com/fr/nouv/geffre.doc>>. Acesso em: 29 ago. 2002. Ver também: Cf. GEFFRÉ, “Le fondement théologique du dialogue interreligieux”. Disponível em: <<http://istr-marseille.cef.fr/Pages/CdD/CdDs/CdD02/geffre.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

³⁹ GEFFRÉ, *Crer e interpretar*, p. 160. Na ‘cristianidade’, o mistério de Cristo é que ocupa papel relevante, abolindo, assim, a ideia de um imperialismo cristão, próprio da ‘cristandade’. Nesta, o cristianismo histórico é que exerceu total domínio. No livro *Profession théologien*, Paris: Albin Michel, 1999, diz apreciar esta expressão de Panikkar (p. 147), pois ela compreende uma “dimensão antropológica universal”. O termo cristianidade representa algo mais universal que o cristianismo histórico, pois ele une “a presença oculta do mistério de Cristo coextensivo a todos os momentos da história” (p. 148); é o “ser-crístico mais universal” (p. 50).

⁴⁰ GEFFRÉ, *Profession théologien*, p. 149.

uma única pessoa, e essa pessoa revela a totalidade do mistério de Deus sem, entretanto, esgotá-lo. Em Jesus Cristo, o Verbo de Deus se encarna e se faz humano⁴¹.

Portanto, para Geffré, quem medeia a salvação é Cristo. Sua teoria da universalidade da presença de Cristo, através da presença dos *valores crísticos* nas tradições religiosas, é que sustenta essa mediação. Porém, a potencialidade do mistério de Cristo não anula o específico de cada tradição religiosa. Em cada tradição há algo que deve ser considerado *irredutível*. É o que a torna única e a distingue das demais. É a expressão da sua singularidade histórica e da sua maneira própria de captar a transcendência divina. Essa expressão pode ser também a revelação da presença crística captada de forma única por aquela tradição, cujo compartilhamento será possibilitado pelo diálogo inter-religioso. As tradições religiosas “podem testemunhar um *irredutível* que provém do Espírito de Deus, que sopra onde quer”⁴². Esse Espírito de Deus inspira as religiões a criarem sua irredutibilidade e sua especificidade que serão cumpridas no mistério de Cristo, mas não no cristianismo histórico. Resguardar o irredutível de cada tradição é de fundamental importância para não querer tematizar a experiência de uma tradição religiosa a partir da experiência do cristianismo histórico.

A maneira como as religiões captam o transcendente e o expressam na história demonstra não somente a riqueza do mistério divino, mas também as diferentes realidades culturais. Geffré utiliza o termo *mediação derivada* porque a tradição religiosa oferece uma mediação de salvação que *deriva* do mistério de Cristo enquanto *universal concreto*. Não é o cristianismo, enquanto religião histórica, que é absoluto e universal, mas sim o Verbo encarnado de Deus e *entronizado* como Filho em Jesus Cristo.

Conclusão

Claude Geffré, ao afirmar que o pluralismo religioso é um novo paradigma para a teologia cristã, propicia abertura a novas construções. Para além da pluralidade religiosa, o *pluralismo de princípio* favorece o encontro com o diferente e propicia releituras da própria identidade. Esta não deve ser compreendida como fixa e fechada, mas aberta a novas hermenêuticas e em constante processo de construção.

⁴¹ Em *Como fazer teologia hoje*, Geffré utiliza com mais naturalidade as expressões “Logos eterno” e “Verbo de Deus” para referir-se à encarnação de Deus em Jesus Cristo. Em *Crer e interpretar*, dá preferência ao termo “Verbo eterno”.

⁴² GEFFRÉ, “Por um cristianismo mundial”, p. 17. E também: GEFFRÉ, “O lugar das religiões no plano da salvação”, p. 134.

Para Geffré, a identidade cristã é delineada pela encarnação de Deus em Jesus Cristo e demarcada pela alteridade, traço específico do projeto do Reino de Deus. Esse *jeito novo* de se relacionar, marcado pelo amor, favorece, estimula e edifica o diálogo entre as tradições religiosas. Diálogo que deve levar à paz social. Eticamente, as religiões são convocadas a denunciar as injustiças e opressões e anunciar e defender a vida na sociedade. Na perspectiva cristã, a ressurreição de Jesus Cristo faz ecoar este apelo de vida e solidariedade a todos os confins da terra.

A implicação positiva para o diálogo inter-religioso está em reconhecer que existem valores em todas as tradições religiosas e que esses valores devem ser partilhados para a maior percepção do mistério de Deus. Para a tradição religiosa cristã, especificamente, o aspecto positivo está em demarcar e aprofundar o caráter de sua identidade religiosa. Cristo como *universal concreto* é o que dá fundamento ao encontro entre as tradições religiosas e o estimula, a partir do horizonte cristocêntrico. Não existem paralelismos salvíficos, pois é o mistério universal de Cristo que unifica a salvação. As vias históricas de captar e de viver o mistério divino são diferentes e positivas. Entretanto, a via final para chegar a Deus é através da mediação misteriosa de Cristo (não do cristianismo histórico). Essa mediação está presente e atuante ao longo da história de cada tradição religiosa através da presença e da prática de valores que caracterizam o viver humano e tem seu *cumprimento* ou sua *realização* no mistério universal de Cristo. Do horizonte pluralista teocêntrico permanece uma pergunta: essa maneira de demarcar a salvação cristã não é demasiadamente cristocentrada?

Roberlei Panasiewicz é mestre (1998) e doutor (2005) em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com a tese intitulada: “*A Virada Hermenêutica da Teologia e o Pluralismo Religioso: Um estudo sobre a contribuição da Teologia Hermenêutica de Claude Geffré à Teologia das Religiões*”. Publicou as seguintes obras: *Pluralismo religioso contemporâneo: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*, São Paulo: Paulinas / PUC Minas, 2007, 199 pp., e *Diálogo e revelação: Rumo ao encontro inter-religioso*, Belo Horizonte: C/Arte – Face-Fumec, 1999, 181 pp. Atualmente é Coordenador Adjunto e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, Membro do CEP (Conselho de Ética na Pesquisa) e professor da FUMEC.

Endereço: Rua Flavita Bretas, 609 – Apto: 601 – Bairro Luxemburgo
30380-410 Belo Horizonte – MG
e-mail: roberlei@pucminas.br